

1 Vivemos numa sociedade normalizada, consensual, que esconde, sob uma
2 fachada (cada vez menos) brilhante, uma insegurança profunda. A
3 "auto-estima" (expressão horrível), que diz o que diz, a que, parece,
4 tanto se aspira, recobre a falta real de uma sólida autoconfiança.
5 Continuamos a acreditar pouco em nós, apesar de, ainda há pouco, antes
6 da recessão económica, ostentarmos inúmeras razões para nos sentirmos
7 orgulhosos, contentes, valorizados.

8 E por que não o somos? Porque continua vivo, no fundo de nós, o
9 pequeno mas insistente, permanente e obsessivo temor e tremor que nos
10 impede de ser um povo alegre? Será que não vencemos ainda o antigo
11 mal-estar em que vivia o povo português? Que mal-estar?

12 A "normalização" a que vem sendo submetida a sociedade portuguesa não
13 incide apenas - nem principalmente - no processo de regularização da
14 vida política democrática, após os sobressaltos que se seguiram ao 25
15 de Abril. A normalização de que aqui se trata é um movimento muito
16 mais geral e profundo. Caracteriza-se negativamente pela
17 homogeneização dos comportamentos, pela supressão de possibilidades de
18 vida, e positivamente, pela aceitação universal deste estado de
19 coisas. Um traço essencial da normalização é a ausência de
20 alternativas, a afirmação de uma única norma em todos os domínios
21 (desde a governação à vida privada). Ausência de alternativas que, por
22 sua vez, são acompanhadas pelo desaparecimento da norma. A sociedade
23 portuguesa está normalizada por uma regra invisível. Onde está ela?
24 Ela, que prescreve uma só política? Uma só moral? Uma só maneira de
25 agir, de sentir, reagir, pensar? Mas como definir a norma, se o
26 pensamento e a acção, a política e a moralidade vigentes se vivem com
27 a naturalidade e a crença das evidências indiscutíveis? Que outra
28 política económica seria possível para o nosso país? Como não aderir à
29 moeda única? Como recusar a Constituição Europeia? Aliás, as
30 evidências estendem-se aos problemas de toda a Humanidade - quem não
31 condena a clonagem de seres humanos (a não ser um ou dois cientistas
32 excêntricos)? Quem não adere aos princípios da tolerância e da
33 solidariedade entre os povos? Quem não é pela liberdade? Ou pela
34 justiça social?

35 A democracia tornou-se uma questão de bom senso. É a via única.
36 Impõe-se universalmente e impõe-se em Portugal, misturando-se com o
37 mais fino tecido das mentalidades que querem o consenso e fogem dos
38 conflitos, valorizando acima de tudo a paz da mediania, o equilíbrio
39 do justo meio - numa palavra, o bom senso.

40 Por isso, em Portugal, talvez mais do que noutros países, também
41 normalizados, se dê menos pela falta de norma. Vivemos num espaço
42 (mental, social, de vida) circunscrito por limites, mas onde não se
43 distingue o que nos limita. Mais uma vez, é naturalmente,
44 espontaneamente, que pensamos de uma só maneira, caminhamos por uma só
45 via, como se fosse evidente que só estas existem.

46 **José Gil, in Portugal Hoje - O Medo de Existir**